

**VIDA DE NEGRO**

Amostragem

IRAPUÃ SANTANA

VIDA DE NEGRO

## Vida de Negro

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Edições 70 é um selo da editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2026 Irapuã Santana

ISBN: 978-65-5427-403-6

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586v

1. ed. Santana, Irapuã

Vida de negro / Irapuã Santana.

1. ed. Rio de Janeiro : Edições 70, 2026.

328 p.; 13 x 20 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5427-403-6

1. Negritude - Brasil. 2. Identidade negra.  
3. Cultura afro-brasileira. 4. Racismo - Brasil. 1. Título.

CDD 305.896081

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:**

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Produtor Editorial:** Fonte Editorial



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afiliada à:



**almedina**  
Editora Almedina  
Editora Almedina

ASSOCIADO



A Deus,  
À Espiritualidade,  
À Ancestralidade,  
À minha querida mãe, Dona Mirna,  
Ao meu finado e saudoso pai, Seu José,  
e ao maior presente da minha vida,  
minha linda filhota Bibitinha, Beatriz  
Santana.

Amostragem

# Sumário

Agradecimentos	IX
Prefácio	1
Apresentação	7
Nota do Autor	11
Capítulo 1	15
Nascido no subúrbio nos melhores dias	
Capítulo 2	41
Uma infância qualquer	
Capítulo 3	103
Eu tenho um sonho	
Capítulo 4	141
Dr. Zé do Carço	

Capítulo 5	279
Não seremos mais um Silva	
Referências	289

Amostra



## Agradecimentos

Se alguém chegasse para o menino Irapuã, de apenas 10 anos de idade, morador da Piedade – no subúrbio carioca –, e falasse que quando ele crescesse publicaria mais de 5 livros, ele iria achar que era uma piada. Até porque, nessa idade, ele não tinha sequer chegado a ler essa quantidade de obras, nem gostava de ler. Pois é. Agora aquele garoto cresceu e chegou ao seu 6º livro.

A quem agradecer por isso? Todo mundo que deixou um tijolinho e a todo mundo que tentou derrubar essa construção que se iniciou antes de mim ou mesmo antes dos meus pais nascerem.

Mas, é preciso fazer justiça e nomear algumas pessoas em específico.

Primeiramente, Deus. Sem ele, nada seria possível e tantas oportunidades não estariam disponíveis para que eu agarrasse e chegasse até aqui. Logo após, toda espiritualidade e ancestralidade. Sou do candomblé e também cultuo Ifá. E acreditem: sem esse suporte para que eu concretizasse os planos de Deus, não tenho ideia de onde estaria hoje. Minha

gratidão e fé são construídas diariamente, nos bons e maus momentos, e esta obra é um fruto colhido por causa de uma semeadura de muito tempo.

Depois desse combo, agradeço demais a confiança que a querida Mara Luquet depositou em mim ao idealizar este trabalho me convidando para ser o autor, entendendo como venho procurando caminhar e aonde quero chegar com a luta pela igualdade racial no Brasil.

Outra homenagem que preciso prestar é ao querido Frei David, Diretor-Executivo da ONG Educafro. Em 2015, ele viu, em um jovem de 28 anos, um potencial soldado fiel e comprometido com a causa antirracista no país. Eu sou muito grato a ele, em especial, pela oportunidade de tentar devolver para a vida todas as mãos estendidas para mim ao longo da minha caminhada. Foi um processo tão natural que se tornou parte considerável de quem sou e do que faço.

Gostaria de deixar uma mensagem ao meu finado pai, José Santana, falecido em 2021. Preto retinto, do olho quase amarelo e da palma da mão marrom. Muito do que aprendi a me defender do mundo onde o racismo é um fato veio das experiências de vida dele.

A minha mãe, por sua vez, pode ser lida de variadas formas. A pele é clara, o nariz largo e o cabelo crespo fizeram ela ser branca durante a vida toda e agora ser considerada negra de pele clara. Vai saber... o que eu tenho certeza é que, quando eu estava na 3ª série (hoje 4º ano) ela me falou que não poderia me ajudar a estudar mais, porque não entendia nada daquilo. O motivo? Ela foi tão pobre na infância que só tem o primário. Mas, exatamente por não ter conseguido estudar, fez de tudo para que eu seguisse em frente. E nunca mais parei.

Em 2020, duas semanas antes da pandemia estourar no Brasil, minha Bia nascia. Eu mal sabia que também surgiria outra pessoa desse fenômeno. Para ser o melhor pai do mundo para ela, eu precisava me aprimorar, entender sobre a minha essência e quem eu era. Não tinha a menor noção disso. Somente percebi quando já tinha acontecido uma grande mudança. Pela 1ª vez, em 37 anos de existência, eu disse uma coisa boa ao meu respeito, que foi reconhecer que buscava e estava conseguindo ser um bom pai.

É um privilégio ser pai dessa menina inteligente, bem-humorada, bagunceira, cuidadosa, amorosa e linda. Bibitinha, minha filha, jamais vou me cansar de agradecer por me escolher para ser o seu pai. Assim como você já foi em trabalhos e palestras minhas. Assim como já fomos a lançamentos de livros juntos, agora você irá em um lançamento de um livro muito importante para o papai.

Eu te amo.

*Irapuã Santana*

Amostragem

## Prefácio

O Brasil, desde o começo do século XXI, tem uma dívida ancestral consigo mesmo. Ou, pelo menos, com uma parte de si mesmo, majoritária, composta por homens e mulheres negros, descendentes de africanos escravizados. É uma dívida que, apesar de antiga, nunca foi paga simplesmente porque jamais foi reconhecida por boa parte dos demais brasileiros, os homens e mulheres descendentes dos colonizadores europeus e, muitas vezes, herdeiros da elite que organizou, controlou e se beneficiou do sistema escravista por mais de três séculos e meio. Esse é um dos temas mais desafiadores e espinhosos na construção do Brasil do futuro. Enquanto essa dívida não for devidamente paga, continuaremos a ser um dos países mais desiguais e injustos do mundo, como também seguiremos sendo um lugar de gente pobre e marginalizada, que nunca teve condições adequadas para realizar plenamente suas vocações e potenciais como seres humanos. É disso que se trata neste belo livro de Irapuã Santana, ao

mesmo tempo credor e testemunha dos estragos produzidos por essa dívida não paga.

Os grandes abolicionistas do século XIX, entre eles, o pernambucano Joaquim Nabuco, os baianos Cesar Gama, Luiz Gama e André Rebouças e o fluminense José do Patrocínio, defendiam uma “Segunda Abolição”. Segundo eles, não bastava ao país parar de comprar e vender gente, como previsto pela chamada Lei Áurea de 13 de maio de 1888. Era preciso também incorporar plenamente à sociedade brasileira, produtiva e cidadã, os homens e mulheres que até então tinham sido escravizados. André Rebouças defendia a chamada “democracia rural”, por meio de uma reforma agrária, que retalhasse o latifúndio improdutivo e permitisse aos negros o acesso à propriedade da terra. “Os ex-escravos têm o direito de exigir que lhes deem instrução e precisam de educação para que possam representar o papel de cidadãos úteis à pátria”, afirmava, em 13 de junho de 1888, Cesar Zama. “Quem se encarrega de quebrar as cadeias da escravidão tem também o dever de quebrar as da ignorância”.<sup>1</sup>.

### **Nada disso aconteceu.**

O Brasil acabou formalmente com a escravidão em 1888, mas abandonou os ex-escravizados e seus descendentes à própria sorte. Nunca realizou a tal “democracia rural”, mediante a reforma agrária. Nunca propiciou à África brasileira acesso à terra, à educação, à moradia, à segurança, à cidadania, em resumo. Nunca lhe deu as oportunidades reservadas aos brasileiros brancos, de ascendência europeia. “Eu lamento que o túmulo da escravidão não seja largo o suficiente para abrigar também a sua herança”, dizia Joaquim Nabuco nas sessões que antecederam a

---

1. Citado em Clóvis Moura, *Dicionário da escravidão negra no Brasil*, p. 423

votação da Lei Áurea na Câmara. “A Abolição libertou os brancos do fardo da escravidão, abandonando os ex-escravos à própria sorte”, escreveria mais tarde a historiadora Emília Viotti da Costa.

Como uma ferida mal cicatrizada, o legado da escravidão é hoje visível na paisagem, nas estatísticas e no comportamento das pessoas. O resultado é um país segregado, desigual e violento. O racismo se mantém como traço característico da sociedade brasileira. Um sistema informal de castas garante que pessoas de descendência africana habitem as periferias insalubres e perigosas das metrópoles, dominadas pelo crime organizado e pelo tráfico de drogas, sem qualquer assistência do Estado brasileiro. Enquanto isso, os chamados “bairros nobres”, com boa qualidade de vida, segurança, serviços públicos e educação de qualidade, são privilégios de pessoas descendentes de colonizadores europeus, que se servem do trabalho doméstico e de baixa qualificação dos primeiros.

Essa “Segunda Abolição”, preconizada pelos nossos grandes abolicionistas e nunca realizada, é a dívida não paga do Brasil de hoje. É também um projeto que está à espera de todos nós, brasileiros, neste início de século XXI. Mais do que isso, é uma tarefa urgente. Não é apenas uma questão ética ou moral, de tratar todos os brasileiros com respeito e de forma digna, independentemente da cor da pele ou da origem étnica. É também do interesse de todos nós. É um projeto estratégico de desenvolvimento nacional.

Estatisticamente, pobreza no Brasil permanece como sinônimo de negritude. Os indicadores sociais mostram um fosso enorme de desigualdade entre negros e brancos. Com raras exceções, quanto mais negra a cor da pele, maior é a chance de uma pessoa ser pobre. Os descendentes de africanos ganham

menos, moram em habitações mais precárias, estão mais expostos aos efeitos da violência e da criminalidade e têm menos oportunidades em todas as áreas, incluindo emprego, saúde, educação, segurança, saneamento, moradia e acesso aos postos da administração pública. Liberdade nunca significou, para os afro-brasileiros, oportunidade de mobilidade social ou melhoria de vida. Nunca tiveram acesso a terras, bons empregos, moradias decentes, educação, assistência de saúde e outras oportunidades disponíveis para os brancos. Nunca foram tratados como cidadãos.

O Brasil branco e descolado da realidade hoje celebra sua África na música, na dança, no samba, no frevo, na culinária e em tantas outras manifestações culturais. É assim que o país se vende nas propagandas da Embratur no exterior. Mas, ao mesmo tempo, despreza a África brasileira na hora de lhe dar oportunidades de se integrar e se manifestar plenamente, em todo o seu potencial e em todo o seu talento, na sociedade brasileira.

O Brasil é hoje um país que desperdiça gente, talentos e vocações.

Nesta era da tecnologia e da informação, em que as riquezas das nações não se medem mais pelos seus recursos naturais, mas pela qualidade do seu capital humano, o Brasil não pode se dar ao luxo de desperdiçar talentos e vocações. Enquanto não fizermos a segunda abolição, que significa dar oportunidades a todos os brasileiros desde a mais tenra infância, seremos sempre um país pobre, dependente e caudatário das soluções que chegam de fora. A herança perversa da escravidão é um fantasma, ou um cadáver insepulto, que impede nossa caminhada rumo a um Brasil democrático, justo e cidadão.



Como é que se começa? Políticas públicas, obviamente, ajudam. Mas o primeiro passo está em estudar e compreender o problema. É inútil e deletério alimentar mitos já tão arraigados no nosso pensamento nacional, como o de que a escravidão entre nós foi boazinha, patriarcal, benevolente, melhor do que em outros territórios escravistas. Ou de que o Brasil seria uma grande e exemplar democracia racial. Tudo isso é parte de um projeto nacional de autoengano e esquecimento, que serve apenas para perpetuar antigas estruturas de dominação e poder.

Por essas e outras razões, este livro de Irapuã Santana é muito bem-vindo. É uma contribuição fundamental ao estudo e à reflexão de todos os brasileiros, vinda de alguém que viveu na pele os efeitos perversos do legado da escravidão, mas, como inúmeros outros homens e mulheres negros do Brasil, teve coragem, força, determinação e discernimento para superar os obstáculos, até se tornar hoje um advogado, escritor e intelectual respeitado. Este livro é um chamado à consciência de todos os brasileiros, independentemente da cor da pele. Do reconhecimento desta dívida ancestral depende a realização, finalmente, da Segunda Abolição sonhada pelos nossos abolicionistas do século XIX.

***Laurentino Gomes***

Escritor e jornalista, oito vezes ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura, autor dos livros 1808, 1822, 1889 e da trilogia “Escravidão”.

Amostragem

## Apresentação

É com imensa alegria que escrevo estas palavras para apresentar o mais novo livro de Irapuã Santana. Ao longo da minha vida, sempre tive a convicção de que a luta de um abre caminhos para a luta de muitos. Eu, mulher negra, ousei acreditar que era possível ocupar espaços que historicamente nos foram negados. Essa ousadia não era apenas minha: era herança de gerações que me antecederam e que plantaram sementes em solo árido.

Quando olhamos para trás, percebemos que cada conquista é fruto de um acúmulo coletivo. Foi assim quando apresentamos a consulta no Tribunal Superior Eleitoral para garantir que os recursos das campanhas fossem distribuídos de forma proporcional entre candidaturas negras. Naquele momento, mais do que uma peça processual, o que estava em jogo era a afirmação de nossa cidadania plena e a garantia de condições mais justas para que a voz da população negra ecoasse no Parlamento.

Nesse caminho, tive a honra de caminhar ao lado de Irapuã. Ali, vi nascer a síntese entre gerações

de luta: de um lado, a trajetória de quem abriu frestas na porta da política institucional; de outro, a energia e a formação de um jovem advogado, fruto direto das políticas afirmativas, das cotas raciais, que transformaram a sua vida e que seguem influenciando o destino de tantas famílias.

É gratificante testemunhar como a minha luta, iniciada em condições tão adversas, se desdobra na luta de Irapuã. Ele não apenas ocupa o espaço que conquistou com tanto esforço, mas o utiliza para servir ao povo negro, para avançar no enfrentamento do racismo e para demonstrar que o conhecimento acadêmico, quando aliado à prática da militância, é capaz de produzir mudanças reais.

Neste livro, encontramos essa combinação rara: a densidade teórica de quem estudou profundamente a questão racial e a clareza prática de quem vive diariamente os efeitos do racismo. Mais do que análises, aqui se encontram ferramentas para ação, pautadas em argumentos firmes e embasados para a disputa e horizontes para a esperança, com uma proposta inovadora de convite a um olhar em 1ª pessoa.

Se um dia sonhei em ver mais jovens negros e negras utilizando a Educação como instrumento de libertação, hoje posso dizer que esse sonho se materializa. Irapuã representa a prova viva de que a luta vale a pena, de que a semente germina e de que os frutos podem ser colhidos em vida.

Por isso, ao apresentar esta obra, não falo apenas como deputada federal ou como militante histórica do movimento negro. Falo como alguém que se reconhece na caminhada de um filho da luta, que segue o mesmo caminho, ajudando a avançar ainda mais longe. Que este livro inspire, fortaleça e convoque todos aqueles e aquelas que acreditam

na justiça racial e na construção de um Brasil verdadeiramente democrático.

Com carinho, esperança e luta,

***Benedita da Silva***

*Deputada federal pelo Rio de Janeiro. Constituinte de 1988. Primeira senadora negra do país, a primeira vereadora negra da cidade do Rio de Janeiro e a primeira governadora negra de um Estado - Rio de Janeiro.*

Amostra

Amostragem

## Nota do Autor

A série *MyNews Explica*, geralmente, traz uma obra com uma roupagem técnica, ainda que colocada em uma estrutura de linguagem direta e simples.

Ao receber o convite, eu pensei em ousar mais. Para além da seriedade da mensagem que se quer passar, dentro de um padrão didático e com um inegociável rigor de informações em pesquisas, dados e conceitos sociológicos e filosóficos, quero buscar outras fontes de conhecimento para explicar a vida do negro. Falarei de Economia, Neurociência e Psicologia Social e, obviamente, da minha área, que é o Direito.

Quando se dá asas à cobra, o resultado é algo fora da caixinha.

Aqui, neste livro, tudo será explicado para todo mundo entender, sem palavras difíceis, sem juridiquês e sem enrolação.

Na minha vida, aprendi que a pobreza é muito mais do que um dado econômico. Ela sempre está acompanhada de outros fatores que fazem força para que aquela pessoa em estado de vulnerabilidade

permaneça dessa maneira. E a falta de acesso à informação é essencial nessa equação.

E assim chegamos até o ponto em que eu queria. Se o título é explicar a vida do negro, vamos caminhar pela vida de José da Silva, filho de Maria da Silva, para entender o que se passa no dia a dia das pessoas negras do Brasil.

Como você verá, vai ser, não apenas uma, mas sim várias biografias no decorrer das páginas a seguir.

Obviamente, é uma viagem que não conseguirá esgotar todas as hipóteses de vida das pessoas, até porque isso é impossível e nem é o objetivo do livro. Nosso objetivo é trazer considerações importantes que irão levar o leitor a refletir sobre a questão racial brasileira. Ao mergulhar na vida dos nossos personagens, ocorrerá uma mudança de perspectiva do olhar sobre o tema.

Então, sim, terá muito de fatos que aconteceram comigo, com os meus pais e muitos amigos e amigas negros ao longo dessa jornada, cujas explicações serão inseridas a partir de reflexões minhas pautadas em meus estudos e pesquisas realizados ao longo da minha carreira.

Ao acompanhar os caminhos percorridos por Maria e José, os temas da definição de racismo, escravidão, cotas raciais, violência policial, violência doméstica, violência obstétrica e outros serão tratados.

Por fim, vale dizer que não é um livro de esquerda, de centro ou de direita. Não tem nada de fascismo ou comunismo ou qualquer outra classificação do gênero. Apesar da simplicidade das palavras, estamos falando de humanidade, com toda a complexidade que carrega. Rótulos, nessa circunstância, apenas atrapalham.

Também não será um livro apenas sobre as mazelas do racismo. Afinal, somos muito mais do



que isso. Como a vida de todo ser humano, haverá momentos tristes, alegres, bons e ruins.

Aqui, minha proposta é apresentar fatos, apontar um resumo do que tem à disposição como explicação e expor o meu posicionamento, que, na maior parte das vezes, buscará uma outra forma de entender – o que será visto mais claramente no tópico da definição de racismo.

Espero que seja uma leitura leve, densa e proveitosa.

*Irapuã Santana*

Amostragem

# Capítulo 1

Nascido no subúrbio nos melhores dias

*“Nascido no subúrbio nos melhores dias  
Com votos da família de vida feliz”*

*“Maria, Maria, é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta  
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta”*

\*\*\*

Maria era mais uma, dentre tantas mulheres negras do Brasil, que tinha uma vida muito corrida. Moradora de uma comunidade da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, acordava às 4h30 da manhã para sair às 5 horas e conseguir pegar a

primeira das três conduções que a levavam para o seu trabalho de diarista na Zona Sul da capital.

Maria nunca teve uma vida fácil. Por ser muito pobre, foi obrigada a abrir mão dos estudos ainda na adolescência para ajudar com as contas de casa. Sua mãe, Dona Lúcia, trabalhava como cozinheira em um restaurante pequeno e mal conseguia pagar o aluguel. Maria, então, decidiu contribuir para que os irmãos mais novos tivessem a chance de continuar estudando. “Um dia a vida melhora”, repetia para si mesma como um mantra, enquanto lavava roupas em uma bacia improvisada no quintal. Foi assim que Dona Lúcia a encontrou ao voltar para casa. Por um instante, parou na porta do quintal, observando a filha em silêncio.

— Você não para um minuto, né, minha filha? — disse Dona Lúcia, com um sorriso que escondia uma ponta de tristeza.

Maria ergueu os olhos e sorriu de volta.

— Ah, mãe, quem mais vai fazer se não for eu? A senhora já trabalha tanto, não quero que se sobrecarregue mais.

Dona Lúcia caminhou até ela, segurando a beirada da bacia.

— Mas não era pra você estar aqui, Maria. Você tinha que estar estudando, sonhando grande. Sempre me culpo por não ter dado outra vida pra você.

Maria secou as mãos no avental e abraçou a mãe.

— Não fala assim, mãe. A gente faz o que pode com o que tem. E se eu aprendi alguma coisa com a senhora, é que a gente nunca desiste. Um dia vai melhorar, pra mim e pra todo mundo aqui em casa.

Dona Lúcia enxugou uma lágrima que escapava.

— Você é forte, minha filha. Mais forte do que eu jamais fui. E eu tenho tanto orgulho de você, sabia?

Maria sorriu novamente, desta vez com os olhos brilhando.

— A senhora sempre foi minha maior inspiração. Agora vamos terminar essas roupas antes do sol ir embora.

As duas riram juntas e continuaram trabalhando, compartilhando o peso do dia e a esperança de um futuro melhor.

Tanto Maria quanto Dona Lúcia fazem parte da maior parcela da população brasileira: a mulher negra. Elas representam algo em torno de 57 milhões de pessoas no país, ou 28% da população, segundo o Censo de 2022.<sup>1</sup>

No entanto, a vida de nossas personagens, infelizmente, é o retrato do Brasil. Se observarmos os dados socioeconômicos e o mercado de trabalho, fica fácil entender o motivo pelo qual Maria foi obrigada a abrir mão de seus estudos para ajudar Dona Lúcia.

Para se ter uma noção, em 2022, a renda média das pessoas brancas era 87% superior à das pessoas negras. A maior disparidade foi registrada entre mulheres negras e homens brancos, que viviam em lares com renda per capita duas vezes maior que a das famílias compostas por mulheres negras. Enquanto os primeiros viviam com um rendimento de R\$ 2.381,66 por pessoa, no outro extremo, o ganho de cada um equivalia a R\$ 1.191,66.<sup>2</sup>

Assim, a realidade aponta que, de um lado, 7,4% das mulheres negras vivem com até R\$ 6,67/dia; por

---

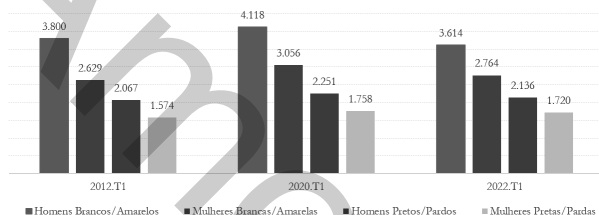
1. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/Informe-edicao-censo-demografico2022.pdf>

2. Enquanto Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/retrato/indicadores/renda-pobreza-e-desigualdade/apresentacao>

outro, o grupo de homens brancos corresponde a apenas 3%, e o de mulheres brancas, a 3,2%.

Nesse mesmo ano de referência, conforme aponta a professora do curso de Ciências Econômicas da FGV-EPGE, Janaína Feijó, mulheres negras ganhavam menos da metade do que os homens brancos ganhavam e o equivalente a 60% do rendimento médio das mulheres brancas/amarelas.<sup>3</sup>

Rendimento médio por grupos de gênero e raça:



*Elaboração da autora com base nos microdados da PNADC/IBGE.*

— Obrigada por sempre acreditar em mim, João. Quem sabe no próximo Carnaval? Mas, desta vez, com você me assistindo na primeira fila. Os dois riram, enquanto o samba da noite continuava embalando a conversa, trazendo memórias do passado e esperanças para o futuro.

Mas a vida é uma caixinha de surpresas e, alguns meses depois, Maria passou mal no trabalho enquanto lavava a varanda de uma cliente. Como João estava trabalhando, pálida e visivelmente abalada, foi até a casa de sua mãe. Dona Lúcia estava

3. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>

na cozinha, preparando o jantar, e, ao ver a filha entrar, percebeu algo diferente na expressão dela.

— Maria, o que foi? Você não está bem?

— Ah, mãe... não sei... Passei mal no trabalho, fiquei tonta...

Dona Lúcia parou por um momento, avaliando a situação. Ela se aproximou da filha, tocando sua testa com a mão.

— Você está com febre? Está se sentindo fraca?

— Não sei, acho que é só uma queda de pressão. Mas estava muito quente lá no trabalho, talvez tenha sido isso.

— (olhando-a de forma mais atenta) Maria, você está com esses sintomas há quanto tempo? Não é a primeira vez que você se sente assim, não é?

Maria hesitou, tentando disfarçar a preocupação que começava a tomar conta dela.

— Eu... Já faz alguns dias que estou meio cansada, mãe, mas não dei muita atenção. Acho que é só o estresse mesmo.

Dona Lúcia a observou por um momento e, com um olhar penetrante, fez uma sugestão que fez a filha engolir em seco.

— Mãe, você está exagerando...

— Exagerando? Maria, eu te conheço, filha. Vai ao posto de saúde amanhã, faz um exame. Vai que é isso, vai que não é. Não custa nada ter certeza.

Maria ficou em silêncio por alguns segundos, surpresa com a hipótese da mãe. Sua mente girou rapidamente, e ela percebeu que não tinha descartado essa possibilidade.

Maria olhou para sua mãe, que agora parecia séria e preocupada. Mesmo com a hesitação, ela sabia que tinha que seguir o conselho da mãe.

— Tá bom, mãe. Vou lá amanhã...

Maria acenou, tentando esconder a inquietação. Ela sabia que, no fundo, a dúvida persistia e que algo estava prestes a mudar.

No dia seguinte, assim que o posto abriu, ela esteve lá e, após alguns exames, recebeu a notícia inesperada: estava grávida.

Maria voltou para casa com um misto de animação e ansiedade. Ao contar a novidade para João, ele ficou em silêncio por alguns segundos, claramente surpreso. Passou as mãos pelo rosto, respirou fundo e olhou para ela com uma mistura de medo e expectativa.

— A gente vai ter um filho? — ele perguntou, com a voz um pouco trêmula.

Maria assentiu, tentando conter as lágrimas.

— Sim, João. Mas confesso que estou com medo. Não sei como vamos dar conta de tudo.

João se aproximou, pegou as mãos dela e falou com firmeza, embora também estivesse visivelmente apreensivo.

— Eu também estou com medo, Maria. É muita responsabilidade. Mas, se tem uma coisa que a gente aprendeu nessa vida, é a enfrentar as dificuldades juntos. Esse bebê é um presente, e a gente vai construir um futuro bonito pra ele.

Eles se abraçaram, buscando conforto um no outro, enquanto tentavam digerir o tamanho daquela nova etapa que estava prestes a começar.

No dia seguinte, Maria teve a ideia de convidar a mãe para jantar e dar a notícia de uma forma mais descontraída. Ela e o marido prepararam um tira-gosto simples e chamaram Dona Lúcia para um momento mais leve. Quando Dona Lúcia chegou, ela percebeu imediatamente a atmosfera diferente. Maria sorriu nervosa e João foi logo pegando as cervejas da geladeira.

— Vai uma cervejinha, Dona Lúcia?